

18.3.1936

PROF. DR. FREUD

WIEN, UL. BERGGAASSE

Lieber Herr Professor
 Ich habe die Ehre, Ihnen zu schreiben
 und Ihnen zu danken für die
 freundliche Antwort auf
 mein Schreiben vom 12. März
 1936. Die Mitteilung
 über die Aufnahme in die
 Gesellschaft der Ärzte
 in Wien ist mir sehr
 willkommen. Ich werde
 mich freuen, wenn ich
 Sie bei der nächsten
 Sitzung in Wien
 treffen darf. Mit
 freundlichen Grüßen
 von
 Dr. [Name]

PSICANÁLISE

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

Simpósio 70 anos!

Blucher

Ide

SIMPÓSIO
70 ANOS!

Sociedade Brasileira de Psicanálise
de São Paulo

Simpósio 70 anos!

© 2022 Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Preparação de texto e tratamento das imagens Mireille Bellelis

Capa Leandro Cunha

Imagem da capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação

na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Simpósio 70 anos! / Sociedade Brasileira de Psi-
canálise de São Paulo. – São Paulo : Blucher, 2022.

242 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-459-9 (impresso)

ISBN 978-65-5506-460-5 (eletrônico)

1. Psicanálise 2. Sociedade Brasileira de Psica-
nálise de São Paulo I. Título

22-3379

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Prefácio — 70 anos de psicanálise	9
Anne Lise Di Moisé Sandoval Silveira Scappaticci	
Abertura do simpósio SBPSP 70 anos!	13
História, liberdade e psicanálise: os 70 anos da SBPSP	15
Marta Foster, São Paulo	
Histórias	
Simpósio 70 anos!	25
Ana Maria Stucchi Vannucchi	
A história da psicanálise	29
Élisabeth Roudinesco, Paris	

História da SBPSP	43
Carmen C. Mion	
História do instituto — O ziguezaguear dos tempos	65
Dora Tognolli, São Paulo	
Psicanálise e literatura	
Palavras — Simpósio 70 anos!	79
Gláucia Maria Ferreira Furtado, São Paulo	
Psicanálise e literatura: leitura do humano, leitura do social	87
Adelia Bezerra de Meneses, São Paulo	
Uma compreensão da oposição finito-infinito proposta por Bion, à luz da reciprocidade estética entre libido elegíaca e libido sensual	113
Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho, São Paulo	
Psicanálise e ciência	
Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 70 Anos!	133
Darcy Antônio Portolese, São Paulo	
Freud, a psicanálise e a ciência	141
Oswaldo Giacoia Junior, São Paulo	
Ciência. Que ciência? Psicanálise e Arqueologia	159
Elias Mallet da Rocha Barros, São Paulo	

Psicanálise e arte

Psicanálise e arte	181
João A. Frayze-Pereira, São Paulo	
Imagem e enigma	189
Ricardo Fabbrini, São Paulo	
Trajetórias — psicanálise e arte	219
Leopold Nosek, São Paulo	

Simpósio 70 anos!

*Ana Maria Stucchi Vannucchi*¹

Comemoramos os 70 anos da oficialização da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) pela International Psychoanalytical Association (IPA)! Festejamos nossa história e homenageamos nossos antecessores, que deixaram um legado rico e fértil que mantemos até hoje em nossa convivência científica, no respeito às diferenças, em nossa integração sempre renovada ao longo dos anos e na dedicação com que realizamos a formação dos jovens analistas, que futuramente se responsabilizarão pelo cuidado com a nossa querida SBPSP e com nossa amada psicanálise.

Estamos todos muito orgulhosos de contar, nesta primeira mesa, que versa sobre a história da psicanálise, com a presença de Elisabeth Roudinesco, a maior conhecedora da história da psicanálise na contemporaneidade, que, com sua sabedoria, nos traz elementos importantes para contextualizarmos a psicanálise brasileira e paulista.

Em seguida, temos a apresentação de Carmen C. Mion, nossa presidente, que trará um pouco da história da SBPSP, o que nos permitirá visualizar a saga e ousadia, bem como a vitalidade de

¹ Diretora Científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).
anavannucchi@gmail.com.

nossos fundadores e dos que nos antecederam no cuidado com nossa querida SBPSP.

Finalmente, teremos as palavras de Dora Tognolli, diretora do Instituto Durval Marcondes, que nos apresentará a trajetória de nossa formação analítica, desde os anos iniciais, calcada num solo de brasilidade e contato com nossa realidade.

Lembro aqui de Virgínia Bicudo, uma das nossas fundadoras junto com Ligia Amaral e Judith Andreucci. As três iniciaram formação analítica com Adelaide Koch, trazida ao Brasil a pedido de Durval Marcondes, que tinha se apaixonado por Freud em 1919, a partir das aulas de Franco da Rocha. Virgínia era uma mulher do seu tempo, foi educadora e estudou sociologia na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, onde escreveu a dissertação *Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. Batalhou muito para ampliar o entendimento de questões raciais combatendo o preconceito racial, que a ameaçava de rejeição (Bicudo, 2000). Depois, caminhou para a psicanálise, procurando estender os conhecimentos psicanalíticos para a esfera das relações familiares e da vida cotidiana. Foi diretora do Instituto de Psicanálise da SBPSP, onde se ocupou da formação e seleção de analistas, defendendo um modelo não médico de psicanalista, fiel a sua realidade original. Passou um período em Londres, onde conviveu com Klein e Bion na Sociedade Britânica, e retomou sua análise com Frank Philips. Em 1954, abriu espaço para a psicanálise no Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP). Em 1970, foi cofundadora da Sociedade de Psicanálise de Brasília (spb), representando um importante “vetor da interiorização e difusão da psicanálise no Brasil” (Frausino, 2020, p. 233).

Lembro aqui as palavras de Virgínia Bicudo no artigo “Memória e fatos”, publicado em 1989, na *Ide*:

Tendo em vista continuar a desenvolver a tese de que na história de vida encontram-se o interesse e a resistência à psicanálise, considero oportuno mencionar, em linhas gerais, como fui para a análise. Movida por sofrimento e curiosidade... encontrei um artigo sobre sublimação, segundo Freud. Foi para mim uma revelação saber que as causas de meu sofrimento estavam no meu mundo interno, e não no exterior. (Bicudo, 1989)

Trago para vocês Wislawa Szymborska, escritora e poeta polonesa, aproximando os 70 anos da SBPSP, aos setenta batimentos de nossos corações:

*Te agradeço, coração meu
Por não se queixar, por se afanar
Sem elogios, sem recompensa
Num desvelo inato*

*Você tem setenta méritos por minuto
Cada contração tua
É como o lançar de uma canoa
No mar aberto
Numa viagem ao redor do mundo (2020, p. 86)*

Referências

- Bicudo, V. L. (1945). *Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo* [Dissertação de mestrado]. Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo.
- Bicudo, V. L. (1989). Memória e fatos. *Ide*, 18(2),94-97.
- Bicudo, V. L. (2000, 6 de outubro). Fui buscar defesas para o íntimo [Entrevista com Anna Veronica Mautner]. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, E4.
- Frausino, C. C. M. F. (2020). Um olhar sobre Virgínia Leone Bicudo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(3), 227-236.
- Szyborska, W. (2020). *Para o meu coração num domingo* (R. Przybycien & G. Borowski, Trads.). Companhia das Letras.

A história da psicanálise

Élisabeth Roudinesco,¹ Paris

Verdade subjetiva, verdade histórica

É uma grande honra ter sido convidada para me expressar nessa conferência inaugural celebrando o 70.º aniversário da entrada da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo na IPA, em 1951. Esta sociedade tem um passado prestigioso, é a primeira fundada no continente latino-americano pelo psiquiatra Francisco da Rocha, com Durval Marcondes, em 1927. Recomendo *História da psicanálise: São Paulo (1920-1969)*, de Carmen Lucia Montechi Valladares de Oliveira, autora de uma tese sob a minha direção e cujo prefácio eu escrevi. Atualmente ela é professora, com alunos sob sua direção.

Francisco da Rocha, certamente pensando no célebre discurso de Victor Hugo de 21 de agosto de 1849 sobre o futuro da Europa, já havia dito “virá o dia em que a psicanálise será reconhecidamente

1 Psicanalista e historiadora da psicanálise, colaboradora do Le Monde des Livres e autora de 25 obras traduzidas para 20 idiomas. Seu livro *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo* (Seuil, 2014; Zahar, 2016), recebeu o Prix Décembre. elisabeth.roudinesco@wanadoo.fr

fundamentada, aceita por todos, e até mesmo seus oponentes confessarão que a tinham acatado.” Para melhor criticá-la, eu acrescentaria: sabemos que quanto mais uma doutrina é aceita pela opinião pública, mais ela suscita a rejeição.

Além disso, vocês sabem que eu considero, já há muito tempo, o continente latino-americano – e hoje ainda mais o Brasil – um dos epicentros de inovação da psicanálise, de sua transmissão e da resistência a todas as adversidades; muito mais rico nessa área do que os países europeus, melancólicos e fatigados. Conhecemos a razão: isso se deve em grande parte à capacidade de que dispõe o mundo latino-americano de ser multiculturalista e de ter absorvido, com júbilo e ecletismo, todas as correntes provenientes do freudismo – freudismo clássico, kleinismo, lacanismo – e de ter feito delas uma síntese original e, ao final, antidogmática.

É também por conta de sua capacidade em ter sido capaz de pensar sua história: seus períodos de glória como seus momentos sinistros (as ditaduras, por exemplo) e não sinto qualquer constrangimento ao dizer que meus mais brilhantes alunos são brasileiros, argentinos, mexicanos. Também foi no Brasil que veio à luz a primeira publicação da biografia de Freud por um latino-americano (argentino), Emilio Rodrigué, grande conhecedor da historiografia psicanalítica, área até então exclusivamente reservada há décadas aos historiadores de língua inglesa (ingleses ou americanos): acrescento, aliás, que a maior parte dos historiadores alemães escrevem seus livros geralmente em inglês. Em outras palavras, é no mundo anglófono que se desenvolveram todos os trabalhos de história. De tanto debater essencialmente sobre questões historiográficas no mundo anglófono, posso afirmá-lo com maior convicção, e isso faz com que me sinta um pouco isolada na França.

Já que fui convidada a falar essencialmente sobre questões históricas ou historiográficas, começo por evocar meus primeiros passos

como historiadora durante os anos 1980. Muitas vezes me vi confrontada a um problema banal para os historiadores, mas ainda novo no meio psicanalítico. Com efeito, não havia relação alguma entre a verdade, no sentido histórico, aquela que eu devia construir, sendo eu mesma a primeira a abordar esta área na França e a verdade dita “subjetiva” ou fantasmática dos psicanalistas com os quais tinha de lidar, aqueles que eu interrogava e que não tinham consciência de estarem tomando seus fantasmas por realidade. Devo dizer que isso ainda é verdadeiro hoje em dia, em um momento em que os trabalhos históricos sobre Freud e a psicanálise se desenvolveram consideravelmente – fora do meio psicanalítico – ao ponto de ser possível afirmar que as brigas entre historiadores vieram sobrepor-se com a mesma violência às disputas entre psicanalistas. Mas é bem verdade que nossa época é propícia a uma grande confusão entre o relato vivido, a emoção e o estabelecimento dos fatos. Vivemos o tempo do “si-próprio como um rei”, um tempo em que o sujeito se afirma como o principal detentor de todas as verdades históricas e a autoficção contém vários rastros deste processo.

Há uma resistência dos psicanalistas em admitir sua história e pude constatá-lo tanto escrevendo a história da psicanálise para a França como redigindo, em seguida, a história do pensamento e da vida de Lacan. Freud disse um dia que se surpreendia pelo fato de que os analistas não se vissem transformados em seus hábitos e costumes pela própria prática da psicanálise. Tal julgamento pode aplicar-se aos analistas quando eles se veem diante da história. Eles têm tendência ainda mais do que outras comunidades a mantê-la ocultada, censurada, a recalá-la. Mas não só, não é raro que simplesmente nem queiram saber. Este “não saber”, eles o teorizam dizendo que a história da psicanálise é impossível de ser escrita. Ainda recentemente, uma psicanalista francesa de fato afirmou que era impossível escrever a história da psicanálise.

Quantas vezes não tive de ouvi-lo! Ao passo que essa mesma história já tinha sido escrita... A resistência à história é o próprio sintoma da resistência dos psicanalistas à psicanálise, desta resistência inconsciente dos psicanalistas à verdade histórica. Ela vem em parte do fato de que os psicanalistas têm a impressão de que o único lugar de enunciação possível da história é a terapia, protegida pelo segredo. Daí a ideia de que a história da psicanálise não pode ser contada por pertencer ao âmbito do segredo profissional, como se estivéssemos diante de uma terapia.

É em parte por causa desta recusa da história e da resistência que os psicanalistas opõem à sua própria história que nos encontramos nesta situação, uma situação muito delicada, uma situação em que a psicanálise é objeto de múltiplas contestações e onde, ao mesmo tempo, são agora os historiadores profissionais e não mais os psicanalistas ou analisandos que passaram a escrever a história da psicanálise.

Nascimento da historiografia psicanalítica

É após a Segunda Guerra Mundial que nasce a historiografia psicanalítica sob o impulso de Ernest Jones, primeiro grande biógrafo de Freud. Sua obra magna em três volumes publicada de 1953 a 1957, baseada em arquivos inéditos pacientemente coletados por ele, por Siegfried Bernfeld e Kurt Eissler, permite começar a retrair a história do freudismo.

Com efeito, é através de Jones que a diáspora freudiana pode, daí em diante, representar-se a si própria sua origem e seu movimento, sob a forma, não de uma hagiografia (como é frequentemente dito), mas de uma história oficial. O modelo de Jones não era inspirado por uma visão piedosa da história. Jones era pragmático, racionalista,

positivista. Nem por isso deixou de privilegiar a ideia de que Freud tinha conseguido, pela pujança de seu gênio solitário e ao preço de um heroísmo intransigente, desgarrar-se das falsas ciências de sua época para desvelar ao mundo a existência do inconsciente.

O verdadeiro problema desta biografia é que ela fora redigida por um homem que tinha sido líder de um movimento político e adversário da maior parte dos atores cuja saga ele relatara. E embora fornecesse de Freud um retrato convincente, não era absolutamente objetivo quando se tratava de seus discípulos. Não somente ele demonstrava uma injustiça flagrante diante de Otto Rank, Sandor Ferenczi ou Wilhem Reich, como também não situava corretamente a real importância de Wilhem Fliess e de suas teorias na história das origens imediatas do freudismo. Sem contar que como bom estrategista político, ele dissimulava os eventos suscetíveis, aos seus olhos, de macular a imagem do movimento psicanalítico: os suicídios, os devaneios, as loucuras, as transgressões.

Durante dez anos, de 1960 a 1970, a historiografia freudiana se manteve como um reduto do legitimismo psicanalítico, em razão, particularmente, da política operada por Kurt Eissler, responsável pelos arquivos depositados na Library of Congress de Washington. Nascido em Viena e instalado em Nova York, Eissler não tinha o mesmo olhar que Jones sobre Freud, além de não ser da mesma geração. Ele não tinha conhecido Freud. Ambos eram psicanalistas, ambos eram membros da IPA mas era como se houvesse uma divisão entre Nova York e Londres, dos trabalhos de história no seio do mundo anglófono. Aos ingleses era reservado o encargo de realizar a biografia e a tradução da obra (com James Strachey), enquanto aos americanos incumbia o trabalho de memória.

Em 1972, com sua obra *A morte na vida de Freud*, Max Schur, vienense de origem (médico de Freud) naturalizado americano, corrigiu a versão de Jones, atribuindo ao mestre uma imagem mais

“vienense”, fazendo com que ele passasse a emergir sob o aspecto de um sábio ambivalente, angustiado pela morte e hesitante entre o erro e a verdade e não mais simplesmente como um erudito inglês, exclusivamente darwiniano.

A partir de 1970, a língua inglesa passou a dominar completamente os trabalhos historiográficos. Sucederam-se ao modelo de Jones, de um lado, uma abordagem dissidente, de outro, uma visão erudita. Inaugurada em 1962 por Ola Andersson, psicanalista sueco que costumava escrever em inglês, a historiografia erudita floresce em 1970 com o trabalho inovador de Henri F. Ellenberger, originário da Rodésia, criminólogo, psiquiatra, antropólogo, oriundo de uma família de missionários suíços protestantes. Ele falava as três línguas necessárias: alemão, francês, inglês e se tornará canadense, sem nunca integrar a IPA.

Sua *História da descoberta do inconsciente* foi, de fato, a primeira a introduzir o tempo longo na aventura freudiana e a mergulhar a psicanálise na história da psiquiatria dinâmica. Freud aparecia então renovado sob os traços de um erudito faustiano, dividido entre a dúvida e a certeza, entre a razão e o vaguear, entre a aspiração ao progresso e a atração pelo ocultismo. Ellenberger fará escola e dará à luz, sem tê-lo desejado, a uma historiografia revisionista.

Em paralelo, os trabalhos dos historiadores americanos (ou ingleses) sobre “Viena no final do século” (Carl Schorske, William Johnston, etc.) transformaram a percepção que se tinha das circunstâncias sociais e políticas que tinham envolvido a descoberta freudiana.

Quanto à historiografia dissidente, ela apareceu em 1971 com a publicação de Paul Roazen (1936-2005) da *Saga Freudiana*. Nascido em 1936, o autor, que não era psicanalista, se distanciava da história oficial para tornar-se o cronista da memória oral do movimento. Com a ajuda dos testemunhos dos sobreviventes, ele construiu uma

prosopografia do meio psicanalítico: redes de poder, filiações, etc. Ele é sobretudo o primeiro a dar seu devido espaço aos discípulos, cujo destino a história oficial tinha ocultado ou deformado: Hermine Von Hug-Hellmuth, Viktor Tausk, Ruth Mack-Brunswick.

A partir de 1975-1980, as condições estavam reunidas na França, Alemanha, Estados-Unidos e Inglaterra, para a eclosão de uma verdadeira história do freudismo. Em cada país, os arquivos foram reunidos por pesquisadores, pertencentes ou não à Associação Psicanalítica Internacional (IPA), possibilitando a elaboração de obras narrativas tratando da história erudita e tocando em todos os aspectos do freudismo: origens, movimento, atores, redes, conceitos, ideias, biografias etc.

Ora, a política de retenção dos arquivos da Library of Congress (LoC), levada à frente por Eissler, com o acordo de Anna Freud, se revelará catastrófica, como o ressalta o historiador Peter Gay, novo biógrafo de Freud (1988), historiador de origem alemã (cujo nome verdadeiro era Peter Joachim Frölich, 1923-2015), especialista da época vitoriana, cujos pais tinham fugido do nazismo. Eu o conheci muito bem e estive em contato com ele até sua morte. “Sua inclinação pelo segredo, essa opção à qual ele permanecia tão apegado só poderia encorajar a proliferação dos rumores mais extravagantes sobre um homem (Freud) cuja reputação ele se propunha proteger.”

É essa política de preservação da imagem do pai fundador que contribuiu, paradoxalmente, ao desabrochar, a partir de 1980, de uma historiografia revisionista, em seguida antifreudiana, no mesmo momento em que o movimento psicanalítico era alvo, no mundo inteiro, dos ataques de um novo organicismo apoiado na farmacologia.

Ao invés de abrir os arquivos a historiadores profissionais, Eissler e Anna Freud decidiram confiar a Jeffrey Moussaïeff Masson, aluno brilhante, devidamente analisado no círculo íntimo de

adeptos, o estabelecimento da correspondência de Wilhem Fliess e de Freud. Ora, no decurso de suas pesquisas, o feliz eleito se tornará um contestatário radical da própria doutrina freudiana. Enlevado pela ânsia de tornar-se profeta de um freudismo “revisado” ele pôs-se a crer que a América teria sido pervertida por uma mentira freudiana original: Não ousando revelar ao mundo as atrocidades cometidas pelos adultos sobre crianças inocentes (estupros, abusos, incestos forçados etc.), Freud teria inventado a teoria do fantasma e seria, portanto, um falsário.

Muito do sucesso da corrente revisionista nesta época se deve ao fato dela ser contemporânea de um vasto questionamento (que é ainda mais virulento hoje em dia) na universidade americana, da civilização dita “ocidental”. Tal questionamento visava “reabilitar” suas vítimas. Neste sentido, a escola revisionista, com clara orientação puritana, assimilava o freudismo a uma opressão: colonização abusiva das crianças pelos adultos, dominação das mulheres pelos homens, etc.

Assistiremos em seguida ao retorno da tradição biográfica e, em seguida, à explosão de diferentes correntes interpretativas, dentre as quais, algumas extremamente inovadoras, mas também, das mais radicalmente antifreudianas. Daí a importante produção de trabalhos históricos no final do século xx e início do século xxi. A partir de 2011, os arquivos da LoC se tornaram acessíveis a todos os pesquisadores e desde 2015 estão sendo digitalizados.

Escrever uma biografia de Freud

É neste contexto, 25 anos após a publicação do livro de Peter Gray, que decidi dedicar uma biografia a Freud. Até então não existia nenhuma escrita por um historiador francês. A aventura me parecia

tanto mais tentadora por me encontrar em uma posição radicalmente diferente daquela que eu tinha ocupado redigindo a biografia de Lacan. Eu não seria a primeira a reunir ao mesmo tempo arquivos e testemunhos, mas, pelo contrário, trilharia a senda já percorrida por todos os biógrafos de Freud. Embora tenha começado pelos arquivos de Freud na LoC, eu não podia esperar por novas revelações. Este era, portanto, para mim, mais um trabalho de historiografia do que o de historiador de primeira mão. No entanto, era necessário inventar uma nova forma de olhar para Freud, diferente da visão dos biógrafos anteriores et eu fui encorajada pelo grande historiador Jaques Le Goff, autor de uma biografia magistral sobre Saint Louis, Louis IX, rei da França (1214-1270), um dos maiores soberanos da cristandade, entre seu avô, Philippe Auguste e seu neto Philippe Le Bel, após Frédéric II (1194-1250), imperador do Santo-Império romano.

Minha intervenção se dava, portanto, em um momento em que o olhar sobre Freud já estava, de certa forma, “saturado”. Cada escola psicanalítica possuía seu Freud – freudianos, post-freudianos, kleinianos, lacanianos, culturalistas, independentes – e cada país tinha criado – poderia se dizer até mesmo inventado – o seu. Cada momento da vida de Freud já havia sido comentado em dezenas de ocasiões e cada linha de sua obra interpretada de múltiplas maneiras em torno do tema de um “Freud acompanhado”: Freud e o Judaísmo, Freud e a religião, Freud e as mulheres, Freud clínico, Freud em família com seus charutos, Freud e os neurônios, Freud e os cachorros, Freud e os maçons, etc. Porém o inverso também era verdadeiro, Freud tendo sido interpretado de forma negativa por inúmeros adeptos de um antifreudismo radical (ou Freud *bashing*): Freud voraz, Freud dirigindo um goulag clínico, Freud demoníaco, incestuoso, mentiroso, falsário, fascista. Podemos assistir na Netflix a uma delirante série policial de oito episódios sobre Freud, no melhor estilo gótico, realizada em 2020 por um diretor austríaco. Vemos ali

um Freud falando alemão, mergulhado em uma Viena expressionista e habitada por personagens diretamente saídos de um manual psiquiátrico à Richard von Krafft-Ebing.

Freud já estava presente em todas as formas de expressão e de relatos: caricaturas, quadrinhos, livros de arte, retratos, desenhos, fotografias, romances clássicos, pornográficos ou policiais, filmes de ficção, documentários, séries de televisão. Tudo isso mostra, por sinal, o quanto Freud se tornou uma das grandes figuras do pensamento universal.

Após décadas atraindo tanto o ódio como trabalhos eruditos, interpretações inovadoras e declarações abusivas, após múltiplas referências aos textos de sua pluma que haviam pontuado a segunda metade do século XX, parecia, uma vez mais, difícil saber quem era realmente Freud, tal o excesso de comentários, de fantasmas, de legendas e de rumores que viera recobrir a originalidade do pensamento paradoxal deste pensador, no seu tempo e no nosso.

É a razão pela qual, tendo eu mesma frequentado durante muito tempo os textos e os lugares da memória freudiana, no contexto de meu professorado ou por ocasião das minhas viagens e pesquisas, me dei por missão de expor de maneira crítica a vida de Freud, a gênese de seus escritos, a revolução simbólica da qual foi o iniciador no despertar da *Belle-Époque*, os tormentos pessimistas dos anos 1920, não sem razão conhecidos como *années folles*² e os momentos dolorosos da destruição de suas construções pelos regimes ditatoriais. A abertura dos arquivos e o acesso a um conjunto

2 *Années folles*: referem-se à década de 1920 na França, que os historiadores chamam os Anos Loucos, que se sucedem à Primeira Guerra Mundial e ao primeiro surto da gripe espanhola. Não faltam pois, razões para celebrar a vida, após uma década de tanto sofrimento. Foi criado para descrever as ricas colaborações sociais, artísticas e culturais do período. O mesmo período também pe conhecido como Roaring Twenties ou Jazz Age nos Estados Unidos.

de documentos ainda não explorados me oferecia a possibilidade de construir tal abordagem e minha iniciativa se via facilitada pelo fato de nenhum historiador francês ter-se ainda aventurado neste terreno dominado, há décadas, por pesquisas anglófonas de qualidade considerável.

Assim, encontraremos nesse livro dividido em quatro partes, traduzido em 15 línguas e que penetrou toda a historiografia de língua anglo-americana – esse era, por sinal, um de meus objetivos – o relato da existência de um homem ambicioso, provindo de uma longa linhagem de comerciantes judeus oriunda da Galícia oriental que se deu o luxo de ser, durante todo esse período conturbado – a desintegração dos Impérios Centrais, a Grande Guerra, a crise econômica, o triunfo do nazismo – ao mesmo tempo, um conservador esclarecido procurando libertar o sexo para melhor controlá-lo, um decodificador de enigmas, um observador atento da espécie animal, um amigo das mulheres, um estoico, adepto das antiguidades, um “desilusionista” do imaginário, um herdeiro do romantismo alemão, um dinamitador de certezas da consciência, mas também, e talvez, acima de tudo, um judeu vienense desconstruindo o judaísmo e as identidades comunitárias, ligado tanto à tradição dos trágicos gregos (Édipo) quanto à herança do teatro de Shakespeare (Hamlet).

Ao mesmo tempo que se interessava pela ciência mais rigorosa de seu tempo – a fisiologia –, consumiu cocaína para curar sua neurastenia e pensou descobrir, em 1884, suas virtudes digestivas. Aventurou-se no mundo do irracional e no mundo do sonho, identificando-se ao combate de Fausto e de Mefisto, de Jacob e do Anjo e fundou em seguida um cenáculo inspirado pela República de Platão, arrastando com ele discípulos habitados pela ideia de uma revolução das consciências.

Pretendendo aplicar suas inovações a todos as áreas do saber, ele se equivocou sobre as inovações literárias de seus contemporâneos

que, não obstante, se inspiravam de seus modelos, desconheceu a arte e a literatura de seu tempo, adotou posições políticas e ideológicas assaz conservadoras, mas, ainda assim, impôs à subjetividade moderna uma assombrosa mitologia das origens cuja pujança parece tanto mais vigorosa quanto se deseja erradicá-la. Ao lado da história do “homem ilustre”, abordei, em contraponto, a de certos pacientes que levaram uma “vida paralela” sem relação com aquilo que foi relatado de seus “casos”. Outros reconstruíram suas curas como uma ficção, outros, enfim, mais anônimos, tinham deixado de ser invisíveis graças à abertura dos arquivos. Encontrei muitos deles pelo caminho.

Freud sempre pensou que aquilo que ele descobria no inconsciente de seus pacientes antecipava o que lhes ocorreria na realidade. Escolhi inverter esta proposta e mostrar que o que Freud descobriu, era, de fato, nada mais do que o fruto de uma sociedade, de um ambiente familiar e de uma situação política cujo significado ele interpretava magistralmente para fazer dele uma produção do inconsciente.

Eis aí o homem e a obra imersos no tempo da história, na longa extensão de uma narração onde se entremeiam pequenos e grandes eventos, vida privada e vida pública, loucura, amor e amizades, diálogos sem fim, esgotamento e melancolia, tragédias da morte e da guerra, exílio, enfim, para um reino de futuro sempre incerto, sempre a ser reinventado.

Expus a vocês os trabalhos de história que me parecem importantes de serem conhecidos, particularmente pelas novas gerações de psicanalistas do mundo inteiro que não podem mais ignorar sua história e muito menos a do fundador da doutrina. Pois, como já o afirmei, nenhuma comunidade humana pode sobreviver sem conhecer sua história, alheia a uma história memorial.



Virginia Leone Bicudo (1910-2003)

CDM-SBPSP

to dass ich sie selbst aufgeben musste.
Am 12 u 19. Februar 1941 wurde ich
in die psychiatrische Klinik
eingewiesen. Die psychiatrische
Klinik war damals noch ein
Krankenhaus für die geistig
Kranken. Die Ärzte waren
meistens Ärzte, die sich
mit der Psychiatrie beschäftigten.
Die Patienten waren meist
aus der Provinz. Die
Klinik war damals ein
Krankenhaus für die geistig
Kranken. Die Ärzte waren
meistens Ärzte, die sich
mit der Psychiatrie beschäftigten.
Die Patienten waren meist
aus der Provinz.

Este livro é uma publicação do evento comemorativo dos 70 anos da existência da Sociedade Brasileira de Psicanálise São Paulo, promovido pela atual diretoria da SBPSP. Podemos pensar a respeito desse evento como uma publicação muito especial, única de seus autores e dos pioneiros de nossa Sociedade disponibilizando generosamente seu testemunho autobiográfico quanto à importância que a psicanálise adquiriu em suas vidas, em nossas vidas, um patrimônio da humanidade.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-459-9

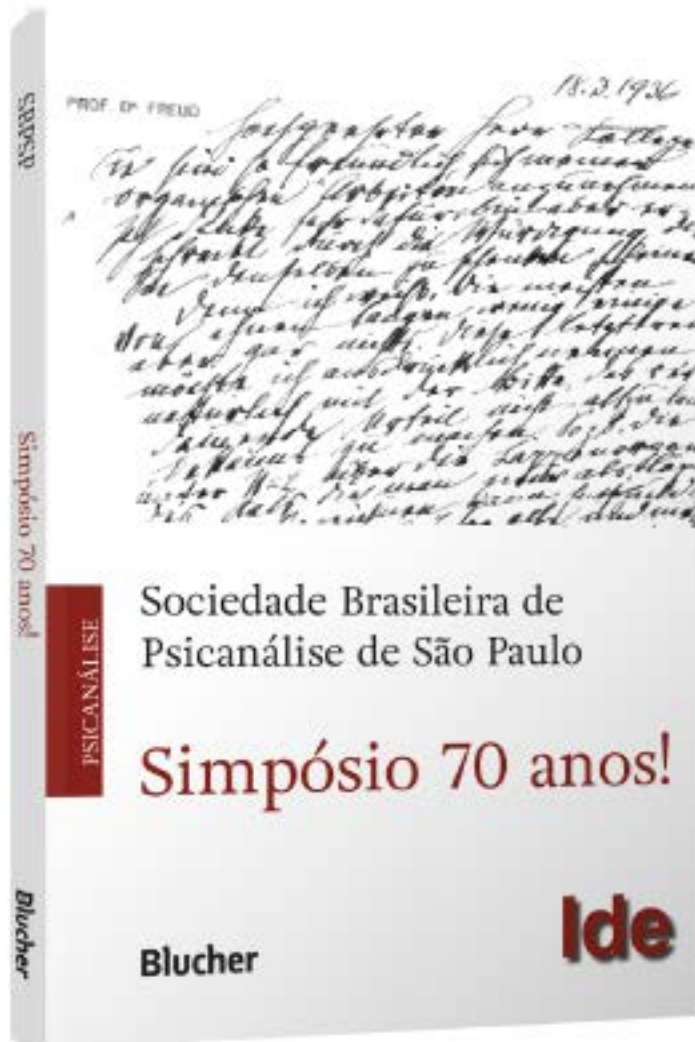


9 786555 064599



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Simpósio 70 Anos!

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

ISBN: 9786555064599

Páginas: 242

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2022